



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA COMO LEGITIMADORA IDEOLÓGICA DA SOCIEDADE CAPITALISTA: O ÂMBITO REGIONAL EM FOCO

Alexandre de Jesus Santos
(UESB)

José Rubens Mascarenhas de Almeida**
(UESB)

RESUMO

O objetivo deste artigo consiste em discutir a produção ideológica do conhecimento, que tem como finalidade precípua legitimar as relações de produção e reprodução do sistema capitalista. Centralizamos este debate em torno da ideia de 'produzir para legitimar', considerando que parte significativa da produção científica da sociedade hodierna, em suas diversas matizes, tem como finalidade primária validar o sistema do capital, bem como conjecturar a "transformação" social dentro da ordem estabelecida. Discutimos, também, esta problemática no âmbito regional, procurando demonstrar como os ideólogos se apropriam do discurso científico para negar a realidade social e produzir falsas ideias sobre essa mesma realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de conhecimento. Negação da realidade. Ideologia.

INTRODUÇÃO

A invenção da sociedade contemporânea legou-nos infinitos paradigmas, todos postos na ordem do dia pela concreticidade do historicismo. Poderíamos incluir a ciência contemporânea, enquanto oposição sistemática ao pensamento filosófico, como a mais emblemática contribuição à hodiernidade. O lugar conquistado pela ciência perante a sociedade a coloca como legitimadora tanto

· Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; é membro do GEILC – Grupo de Estudos de Ideologia e Luta de Classes/Museu Pedagógico/UESB; e do Grupo de Estudo do Capital, do Coletivo LABUTA. E-mail: alexandre_magno2@hotmail.com.

** Orientador. Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP; docente do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; Coordenador do GEILC – Grupo de Estudos de Ideologia e Luta de Classes/Museu Pedagógico/UESB – e pesquisador do NEILS (Grupo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais), da PUCSP. E-mail: joserubensmascarenhas@yahoo.com.br.



quanto como negadora dos múltiplos aspectos da realidade social nas mais variadas áreas do conhecimento humano.

Cabe-nos, no entanto, lembrar que os avanços técnico-científicos galgados, sobretudo no limiar do século XX para o XXI, resultado da acumulação social do conhecimento é, em parte, objetivado pela investida do capital⁶⁰ no sentido de ampliar o processo de produção e reprodução das relações capitalistas, bem como intensificar a exploração sobre os trabalhadores, dentre outras formas, transformando conhecimento em mercadoria.

Vale ressaltar, ainda, que, embora a ciência tenha sido colocada a serviço do capital para legitimar sua produção/reprodução e ampliar a acumulação, subvertendo a ordem social e colocando-a de ponta cabeça, retomando a apologética hegeliana de uma realidade ideologicamente construída, principalmente na apropriação dos quadros das ciências humanas e sociais, a mesma ciência também pode ser empregada para apresentar à sociedade uma interpretação mais ou menos condizente com a realidade.

Fato é que em tempos de “crise estrutural do capital” (MÉSZÁROS, 2011), quando, efetivamente, as contradições sociais vêm à tona, persiste a indubitável necessidade de inversão em propagandas ideológicas que objetivam negar a realidade e apresentar uma ordem social fundada na ideia de harmonia e progresso. O desenvolvimento das forças produtivas que, teoricamente deveria levar à libertação parcial de toda a sociedade do fardo do trabalho, se restringe a pequenas parcelas sociais que se apropriam dos meios de produção e gozam de todos os benefícios produzidos pelo trabalho socialmente desenvolvido.

Em Vitória da Conquista, como mostraremos ao longo desta narrativa, algumas produções científicas têm servido aos propósitos do capital, negando a realidade social e fundando uma nova memória histórica que se baseia tanto na harmonia quanto no progresso incontestes.

⁶⁰ O próprio capital investido na produção de chamadas C&T – Ciência e Tecnologia – é resultado do processo de apropriação da mais-valia.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Recorremos a Marx e a autores marxistas para fundamentar o pressuposto de que é a ciência uma das fontes legitimadoras do processo de produção e reprodução das relações capitalistas. No prefácio da Segunda Edição d'O Capital, Marx nos alerta para as limitações da “produção científica” da economia política burguesa afirmando que, a partir

de 1848, a produção capitalista se tem desenvolvido rapidamente na Alemanha, onde florescem, nos dias que correm, a especulação e a fraude. Mas os fados continuam adversos aos nossos especialistas. Quando podiam ser imparciais no trato da economia política, faltavam à *realidade* alemã as condições econômicas modernas. Quando surgiram estas, surgiram em circunstâncias que não permitem mais seu estudo imparcial sem ultrapassar os limites burgueses (MARX, 2011, p. 22).

Nesta passagem, Marx escreve acerca das limitações dos “especialistas” alemães em produzir teorias científicas que prezem pela “imparcialidade” sobre a economia. Em outra passagem, Marx esclarece que:

A economia política burguesa, isto é, a que vê na ordem capitalista a configuração definitiva e última da produção social, só pode assumir caráter científico enquanto a luta de classes permanece latente ou se revele apenas em manifestações esporádicas (MARX, 2011, p. 23).

Este entendimento é fundamental para se compreender porque, na contemporaneidade, é tão difícil produzir ciência pautada em critérios científicos. Na perspectiva marxiana, uma vez que a luta de classe se encontra em evidência, toda a produção científica da classe burguesa, sobretudo dos pesquisadores oriundos da – e comprometidos com a – classe social dominante, tem como objetivo fundamental produzir para legitimar, negando, desta forma, a realidade social.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Desde muito cedo Marx percebeu a vinculação entre a produção científica e a legitimação das relações de produção capitalista por meio de uma construção ideológica da realidade. Desta forma, entende-se que, em meio à crise do capital, onde a luta de classe toma dimensões proporcionais à objetividade – seja nos conflitos nacionalistas radicais-democráticos evidenciadas na Primavera Árabe, seja em mobilizações como o “Ocupe Wall Street” ou ainda na crise que se agudiza nos países europeus com fortes mobilizações populares –, a tendência da produção científica é negar esta realidade, propondo uma interpretação cuja natureza é recusada e suprimida em absoluto, indicando como relação causal fatores de menor monta como a administração do Estado e do capital em si, e não o próprio sistema do capital (MARX, 2010).

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, Mészáros sugere que a multiplicidade de abordagens que evoca a “pseudoconcreticidade” (KOSIK, 2010) celebrando-a como verdade, possui a manutenção de “princípios metodológicos fundamentais como seu denominador comum” (MÉSZÁROS, 2004, p. 245). Resulta disso a necessidade inalienável de sustentar, através da ideologia, as formas sociometabólicas do capital de maneira que, mesmo as abordagens que apontam para a perspectiva da “mudança”, devem, inevitavelmente, conjecturá-la dentro da ordem estabelecida.

Se, “as ideias da classe dominante são as ideias dominantes em cada época, quer dizer, a classe que exerce o poder *objetal* dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, seu poder *espiritual* dominante” (MARX & ENGELS, 2007, p. 71), a linha teórica do pensamento de Mészáros se enquadra perfeitamente nesta lógica afirmando que as múltiplas abordagens pseudocientíficas que permeiam a sociedade hodierna encontram apoio na própria fragmentação parcial da classe dominante, de modo que

os diversos interesses dos capitais concorrentes não somente permitem, mas até impõe o modo pluralista de legitimação



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

político-ideológico da ordem estabelecida, para assegurar a manifestação efetiva e a interação das estratégias alternativas que correspondem às diferenças objetivas de interesses dentro da própria classe dominante (MESZÁROS, 2004, p. 244).

Nesta perspectiva, corroborando com a tese inicial apresentada por Marx e reafirmada por Meszáros, parte significativa da produção científica contemporânea, sobretudo com o agudamento da crise estrutural do capital que se mostra “longeva e duradoura, sistêmica e estrutural” (ANTUNES, 2011, p. 10), bem como com ameaças reais de superação do modo de produção capitalista, que permearam todo o século XIX e XX, a “autoridade da ciência” tem sido evidenciada para legitimar as relações capitalistas e mascarar a realidade. Como exemplo, podemos citar a crença iluminista de que o progresso científico, por si mesmo, seria suficiente para resolver as demandas da sociedade, de modo que todos os indivíduos gozariam das benesses do progresso técnico-científico.

Vale lembrar o prodigioso debate que Luxemburgo/Bernstein travaram em torno da tese defendida por este líder teórico da socialdemocracia, que afirmava ter o *progresso científico* a capacidade de resolver as contradições internas do sistema e os pleitos dos trabalhadores de forma relativamente harmoniosa. Assim, não haveria necessidade de revolução, pois o próprio sistema do capital implementaria, gradativamente, as reformas sociais necessárias, e que levaria, segundo ele, à dissolução das contradições entre o capital e o trabalho.

Luxemburgo (2010) não somente se contrapôs a este posicionamento teórico, que também orientava a prática política de seu interlocutor, como também dedicou todo o seu livro à tarefa de revelar-se os aspectos ideológicos de tais afirmações, desenvolvendo uma eloquente argumentação em torno do problema, apontando para a necessidade objetiva da revolução social em função da anarquia⁶¹ própria do sistema capitalista. No mesmo sentido afirma Meszáros que

⁶¹ Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema ver Paniago (2012).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Não é de se surpreender, portanto, que, no decorrer de vários séculos, nos seja constantemente apresentada a mesma ideologia orientada para a ciência, em tantas versões diferentes, desde a concepção cartesiana de “filosofia prática” e seu objetivo até os recentes postulados das “segunda e terceira revoluções industriais”, da “revolução tecnológica”, da “revolução eletrônica” e da “revolução da informática” [...]. Quanto mais nos aproximamos do presente, e quanto mais marcadamente irrompem as contradições sociais básicas, mais acentuadas se torna o caráter apologético das teorias que permanecem identificadas com a perspectiva autocentrada do capital, que circunscreve a orientação da economia política burguesa (MÉSZÁROS, 2009, pp. 20-21).

Consideramos, portanto, que, em todas as épocas, desde a consagração da ciência como parâmetro de medida pura da verdade ou da reinterpretação da realidade, a produção do conhecimento é permeada de ideologia, que busca envolver todas as instâncias sociais com o objetivo principal de ratificar as relações de produção e reprodução do sistema do capital.

De início, chamamos a atenção para a necessidade de se considerar a história regional não como uma parte fragmentada e autossuficiente da totalidade social, mas, ao contrário, entrevistá-la enquanto parte que se coloca em uma relação dialética com o todo e entre o particular e o geral. Nesse sentido, a história regional nada mais é que um recorte específico da realidade, sendo que, para fazer sentido, é preciso relacioná-la com o nacional e o global, levando em consideração que, no processo produtivo – e a própria tendência universalizante do sistema do capital –, cada parte (produção, circulação e consumo) tem um papel fundamental na totalidade, conforme afirma o próprio Marx (2008).

Portanto, se no âmbito mundial a produção científica tem sido apropriada e utilizada como instrumento de legitimação e perpetuação para o domínio do capital, para o controle social, regionalmente podemos fazer essa mesma relação sem muitas dificuldades. Em Vitória da Conquista, por exemplo, cidade situada no Centro-Sul da Bahia, atualmente considerada como um importante polo



educacional do Estado, muitos intelectuais têm se dedicado à produção científica em que a realidade social é peremptoriamente negligenciada. Intelectuais esses que, escondidos por trás de títulos que detêm e lugares que ocupam nos centros de produção técnico-científica tentam refundar a memória coletiva construindo uma nova memória histórica a partir de uma perspectiva totalmente ideológica da realidade social, ressuscitando e reproduzindo discursos que se fundam na ideia de harmonia e desenvolvimento.

Neste artigo analisamos a produção do pesquisador Fontes⁶² intitulado *O Novo Ciclo de Desenvolvimento de Vitória da Conquista* (2008), em que o autor procura dar ‘tons de cinza’ ao processo histórico da cidade, não somente excluindo de sua narrativa a luta de classes, como também fazendo reviver ideias como “ciclos de desenvolvimento” e “etapas da evolução histórica”.

Segundo Gonçalves (2011, p. 1), o conceito de desenvolvimento/desenvolvimentismo podem ser definido “de forma simplificada, como o projeto de desenvolvimento econômico assentado no trinômio: industrialização substitutiva de importações, intervencionismo estatal e nacionalismo”. Ainda segundo Gonçalves trata-se, em nível nacional, de “uma versão do nacionalismo econômico; ou seja, é a ideologia do desenvolvimento econômico assentado na industrialização e na soberania [...], no período 1930-80”. No entanto, este conceito vem sendo retomado ao longo do alvorecer do século XXI para caracterizar a gestão do Partido dos Trabalhadores. O próprio Fontes nos assegura que:

A partir de então⁶³, iniciou-se um novo ciclo de desenvolvimento local que ainda se encontra em processo de expansão e que apresenta claras características de sustentabilidade e de inserção na dinâmica geral do país e do Estado. A estratégia de

⁶² Mestre em Ciências Sociais (UFBA) e Doutor em História Econômica (USP). Professor aposentado do Departamento de História da UESB, ex-prefeito de Vitória da Conquista e atual deputado estadual vinculado ao Partido dos Trabalhadores.

⁶³ O autor refere-se ao início da gestão do PT em Vitória da Conquista, em 1997.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Desenvolvimento Econômico e Social do Governo Participativo se desdobrou, nesses anos, em vários momentos e ações, de acordo com as possibilidades conjunturais e definições de opções políticas, sobretudo pela gestão municipal, numa relação dialética com as condições presentes na sociedade local como um todo. (FONTES, 2008, p. 3)

Nesta perspectiva, o próprio discurso avilta, reiteradamente, a categoria de desenvolvimento econômico no artigo em questão. Ainda no primeiro parágrafo o autor diz:

Nos últimos anos, tem aumentado, entre os que aqui residem ou que por aqui passam, uma forte sensação de que Vitória da Conquista experimenta uma fase alvissareira de sua história, com visíveis indicadores de desenvolvimento econômico, social e urbano, assumindo ares de uma verdadeira capital regional, constituindo-se em referência para toda macrorregião do centro-sul da Bahia e norte de Minas Gerais. Sem dúvida, o município vivencia uma fase, um ciclo de grande prosperidade (FONTES, 2008, p. 1).

De fato, nos últimos 70 anos, observamos um crescimento substancial da cidade no que se refere a população, ao perímetro urbano, nas relações comerciais e na prestação de serviços. Esse tal “desenvolvimento” a que se refere o autor, no entanto, nada mais é que a gradativa implementação das relações de produção capitalistas no município, que não somente promove o “desenvolvimento” em benefício de poucos como também implica na agudização dos conflitos sociais e do processo de exploração da classe trabalhadora, aspecto este totalmente ignorado em seu artigo. Parece-nos obvio que o desenvolvimento das relações de produção em nível regional, sobretudo no âmbito da circulação e do consumo de mercadorias, não provoca, como acreditava Bernstein e acredita Fontes, o efetivo desenvolvimento e distribuição das riquezas produzidas, muito menos garante a dignidade humana.

O que a realidade tem posto diante dos nossos olhos, ao contrário, é o substancial crescimento no índice de violência no município que, ainda em 2006,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Vitória da Conquista, entre os 200 municípios brasileiros com maior número de homicídios, aparecia em 82º posição em números gerais, e em 81º entre a população jovem (WAISELFISZ, 2008). Em 2010, já ocupava a 58º posição (entre os municípios com mais de vinte mil habitantes) em mortes por arma de fogo (WAISELFISZ, 2013). Notadamente, convém afirmar que a violência urbana centra-se em nichos periféricos da cidade, de maneira especial nos lugares aonde foi implementado o *Programa de Habitação Popular* do Governo Municipal e o programa *Minha Casa Minha Vida*, do Governo Federal, conforme diariamente noticiado nos jornais e mídias eletrônicas de Vitória da Conquista.

Se, por um lado, os programas de habitação podem, em parte, resolver parcialmente o problema da moradia, ainda que de forma precária e desumanizante em função da falta de estrutura das habitações, por outro segrega a população pobre em locais ermos do perímetro urbano, aonde os índices de violência são alarmantes, totalmente desprovidos de qualquer infraestrutura, excetuando a pavimentação asfáltica, que se tornou uma especialidade da administração pública municipal, principalmente em períodos eleitorais.

Não poderíamos nos furtar de fazer uma breve análise sobre a noção de “etapas da evolução histórica” (FONTES) que o autor faz questão de enquadrar o atual “estágio de desenvolvimento” (Idem) de Vitória da Conquista. O discurso se adéqua a uma concepção de sucessão de estágios aparentemente justapostos, o que sugere a influência stalinista da referida obra, ratificando o que afirma Antunes quando diz que,

desde pelo menos o final da década de 1920 se instalou na historiografia marxista a forte tese de que todos os países passam igualmente pelas mesmas fases históricas percorridas nas sociedades europeias ocidentais. Assim, a partir de então, em todos os cantos do planeta se procurou descobrir as origens e os restos de um passado (quando não ainda presente) “escravista” e ou “feudal” na Ásia, na América, etc. (ANTUNES, 2005, p. 1).



Nesta perspectiva, a questão mais pertinente a ser feita é: a revolução burguesa em Vitória da Conquista foi realizada pelo Partido dos Trabalhadores (PT)? A afirmativa etapista clarifica, sobremaneira, a intenção de Fontes ao afirmar que, “em 1996, com a eleição de Guilherme Menezes, a cidade selou o fim de um velho ciclo e escolheu um novo modelo político, [...] liderado pelo PT, em composição com outros partidos de esquerda, tendo como base esse novo campo político” (2008, p. 3), em classificar a gestão do referido partido como uma etapa superior da história da cidade.

Em outro trecho do artigo, o autor deixa transparecer toda perspectiva ideológica da sua tese fazendo a seguinte afirmação:

Essa realidade está ancorada em significativas transformações que estão sendo implementadas no município, desde 1997, quando um novo modelo político assumiu o governo municipal. Mas, resulta, também, da percepção de elementos comparativos entre o atual e outros momentos da evolução da cidade e do dinamismo do município com outros, de porte semelhante, da Bahia e do Brasil. [...] As eleições de 2000 a 2006, seguidamente, legitimam o projeto político em curso, dirigido pelos mesmos partidos de esquerdas, com pequenas alterações internas na coalização partidária. Em 2000 a população reelege o prefeito Guilherme Menezes, tendo como vice José Raimundo Fontes. Em 2002 Guilherme Menezes é eleito deputado federal e Waldenor Pereira, ex-reitor da UESB, deputado estadual. O vice assume o governo municipal, em abril de 2002, e é reeleito em 2004 [...] (FONTES, 2008, p. 1 e 4).

Fica evidente toda a carga ideológica da militância político partidária que marca o artigo em questão, evidenciando uma visão distorcida da realidade a partir de elementos concretos. Conforme Meszáros (2009) trata-se da própria legitimação das relações do capital, uma vez que não somente realiza a apologia da “mudança dentro do sistema”, como também exclui toda e qualquer possibilidade de rejeição da atual estrutura da sociedade, apontando, peremptoriamente, para a ‘luta’ no campo da institucionalidade. O que Fontes objetiva, em suma, é tomar



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

para si e seus pares, a responsabilidade pela totalidade do processo desenvolvimentista (implementação das relações de produção capitalista) no município, quando fenômeno foi o resultado de um acúmulo histórico de desenvolvimento das forças produtivas cunhado, na região, a partir da década de 1940. Trata-se de um discurso apologético, conservador, que busca creditar à gestão municipal do PT todos os “avanços” obtidos, o que fica ainda mais claro não somente pela vinculação de quem escreve o artigo, mas pelo marco temporal das pretensas e “significativas transformações”.

É importante salientar, no entanto, que todas as melhorias, ainda que poucas, de caráter absolutamente reformista, são, na realidade, resultantes de processos históricos que envolvem a luta de classes como motor inquestionável para as conquistas sociais, e não, como deixa transparecer Fontes, concessões político-partidárias de um determinado “ciclo de desenvolvimento”. Além do mais, há ainda que se comparar os índices sociais e de crescimento econômicos do país – e de Vitória da Conquista neste contexto – e de demais países da América Latina ou do grupo dos países que compõem o acrônimo BRIC’s (Brasil, Rússia, Índia, China). Aí veremos que, sob as últimas administrações, o país foi deixado para trás no que se refere a esses índices.

Ao contrário, no início da gestão do PT, as políticas referentes à saúde levaram à sua municipalização, em consonância com as políticas nacionais, conforme salienta o próprio Fontes em seu artigo. Uma melhoria, ainda que tímida, na rede de atenção básica com uma efetiva diminuição na taxa de mortalidade infantil, é contrastada com o total desmonte da rede de saúde com o processo de precarização da rede hospitalar e a transferência do ex público Hospital Esaú Matos, totalmente doado a uma Fundação Pública de Direito Privado (Fundação Pública de Saúde de Vitória da Conquista – FSVC). Sobre esta questão um blog da cidade estampou em manchete de sua *homepage*: “Hospital Esaú Matos será doado para uma Fundação Pública”, afirmando que o Projeto de Lei



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de autoria do Executivo Municipal doa o imóvel onde funciona o Hospital Municipal Esaú Matos para a Fundação Pública de Saúde de Vitória da Conquista (FSVC). *“Dispõe sobre a desafetação de bem imóvel de uso especial, onde hoje funciona o Hospital Municipal Esaú Matos, passando a integrar o rol de bens dominiais do município e autoriza o município a fazer a sua doação à Fundação Pública de Saúde de Vitória da Conquista (FSVC)”*, informou a Secretaria Geral da Câmara Municipal de Vitória da Conquista. O assunto vai a debate nessa sexta-feira (30) e sem dúvida será um dia de muita polêmica. (Blog do Anderson, 2012).

Infinitas outras contradições poderiam ser facilmente apontadas aqui, sobretudo no que concerne ao discurso desenvolvimentista e à realidade social marcada por conflitos, segregação e marginalização, características marcadamente presentes em Vitória da Conquista, mesmo nos liames do século XXI.

CONCLUSÕES

Conforme já salientava Marx, Rosa Luxemburgo e Meszáros, a ideologia burguesa tem se utilizado da ciência para legitimar relações de produção, não somente através da apologética sistemática, mas também vislumbrando na atual organização da sociedade a única forma possível de organização, excluindo, assim, todas as possibilidades de transformação que supere os limites da institucionalidade burguesa. Neste sentido, podemos destacar três aspectos gerais, do discurso ideológico de Fontes, sustentado pelo *status* científico, apresentado neste artigo: o primeiro refere-se ao discurso do desenvolvimento; o segundo à própria utilização da produção científica como legitimadora do discurso ideológico burguês; e o terceiro a confrontação do discurso com a realidade.

Fontes usa o termos desenvolvimento reiteradas vezes para caracterizar o atual estágio de Vitória da Conquista. Além de representar uma categoria típica do anacrônico discurso nacional desenvolvimentista, é usada não somente para supervalorizar a gestão do PT como iniciador de um ciclo superior de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

“desenvolvimento”, como também para negligenciar a realidade como um todo, aludindo apenas àquilo que indicaria crescimento econômico, mas sublimando os aspectos objetivos da realidade local.

Assim, o panorama ideologizado apresentado pelo citado autor, quando confrontado com a realidade concreta, mostra-se profundamente ideológico. Apesar de citar os episódios da dizimação dos indígenas da região, evidenciada no processo de conquista dos bandeirantes, parece se esquecer de que os casos de violência e contradição social não se limitam à fundação do município, mas permeia toda a sua história local desde séculos.

Portanto, a produção científica – aqui tomada por referência a obra de Fontes – do limiar do século XXI, não somente se transforma em mercadoria que alimenta os interesses do capital e fomenta sua reprodução ao buscar novas formas de acumulação, como também profere discursos que buscam legitimar o sistema em questão. Tudo isso nos aponta para a necessidade de compreensão crítica das produções científicas, e, conseqüentemente, do modo de sua produção/reprodução.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Jair. Marx, Engels e a origem do etapismo na teoria da história marxista. In: Colóquio Marx e Engels do IFCH-UNICAMP, 2005, Campinas. IV Colóquio Internacional Marx – Engels, 2005. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/cemarx/ANAI5%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m5c7.pdf>>. Acesso em: 17 de Março de 2013.

ANTUNES, Ricardo. Introdução: a substância da crise. In: MÉSZÁROS, István. *A Crise Estrutural do Capital*. [Tradução Francisco Raul Cornejo... [et. al.]. 2ª ed. rev. E ampliada. São Paulo: Boitempo, 2011.

Blog do Anderson. *Hospital Esaú Matos será doado para uma Fundação Pública*. 2012. [Online]. Disponível em:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

<<http://www.blogdoanderson.com/2012/03/29/hospital-esau-matos-sera-doado-para-uma-fundacao-publica/>>. Acesso em 17 de Março de 2013.

FONTES, José Reimundo. O Novo Ciclo de Desenvolvimento de Vitória da Conquista. 2008. [Online] Disponível em:

<<http://www.conquistadetodos.com.br/index.asp?site>

=artigos/ver.asp&codigo=27>. Acesso: 30 de Março de 2009.

GONÇALVES, Reinado. *Governo Lula e o Nacional-Desenvolvimentismo às Avessas*. 2011. [Online]. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/texto_nacional_desenvolvimentismo_as_avessas_14_09_11_pdf.pdf>. Acesso: 17 de Março de 2013.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. 8º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. Tradução de Paulo Sergio Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. *Estrutura Social e Formas de Consciência: a determinação social do método*. Tradução Lucia Pudenzi, [et. al.]. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. *A Crise Estrutural do Capital*. [Tradução Francisco Raul Cornejo... [et. al.]. 2º ed. rev. E ampliada. São Paulo: Boitempo, 2011.

LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou Revolução*. Tradução de Livio Xavier. 2º ed. reimpressão. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2º Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. Prefácio. In: *O Capital: crítica da economia política: livro I*; tradução de Reginaldo Sant'Ana. 29º Ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: crítica a novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845 – 1846*. Organização, tradução, prefácio e notas de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *Luta de Classes na Alemanha*. Apresentação de Michael Löwy; tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010.

PANIAGO, Maria Cristina Soares. *Mészáros e a Incontrolabilidade do Capital*. 2º Ed – revista e ampliada. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência nos Municípios Brasileiros*: 2008. Brasília: Ideal Gráfica e Editora, 2008. [Online]. Disponível em: <<http://pdpa.georgetown.edu/Security/citizenssecurity/brazil/documents/mapaviolencia.pdf>>. Acesso em: 17 de Março de 2013.

_____. *Mapa da Violência nos Municípios Brasileiros 2013: mortes matadas por armas de fogo*. Brasília: Ideal Gráfica e Editora, 2013. [Online]. Disponível em: <http://mapadaviolencia.org.br/pdf2013/MapaViolencia2013_armas.pdf>.

Acesso em: 17 de Março de 2013.